

TEATRO

!

# O CASAMENTO DA CONDESSA DE AMIEIRA

(Comédia original em dois actos)

Escrita por Júlio Dinis aos 17 anos (1856)

## PERSONAGENS

Júlio da Costa	
António da Costa . . . . .	Pai de <i>Júlio da Costa</i>
Emília de Castro. . . . .	<i>Actriz</i>
André. . . . .	<i>Estalajadeiro</i>
Paulo. . . . .	<i>Actores</i>
João Pinto	

*A cena passa-se numa hospedaria do Porto —Época, a actual*

## ACTO 1.º

*O teatro representa uma sala comum numa hospedaria. Portas ao fundo. Portas e janelas laterais. Cadeiras e mesas com periódicos, de ambos os lados da sala.*

### CENA 1.

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*entrando do fundo*)

ANDRÉ — Pode estar V. S.\* descansado. Tem aqui tudo quanto necessita. Há no segundo andar dois quartos que lhe servem perfeitamente. Ótima vista, boa mobília e em quanto ao preço...

ANTÓNIO DA COSTA — Essa verba depois a discutiremos. Mas apesar de todas as comodidades de que me fala, careço ainda de obter certas informações para ver se sim ou não me resolverei a ficar aqui.

ANDRÉ — Quais são elas, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Quero, antes de mais nada, saber que espécie de hóspedes tem cá em casa.

ANDRÉ — Ora! Há-os de diversas qualidades. V. S.\* bem há-de saber que, nesta ocasião, concorre de todas as partes muita gente aqui ao Porto; e esta hospedaria é das mais frequentadas...

ANTÓNIO DA COSTA — Pois sim, mas diga-me; entre toda essa gente há raparigas bonitas?

ANDRÉ (*sorrindo*) — Ah! V. S.» é amante do belo sexo?! Mais uma razão para preferir esta a todas as outras estalagens. Temos cá presentemente com que regalar a vista.

ANTÓNIO DA COSTA — Mau é isso, meu amigo. Nada, nada, já me não serve, nada.

ANDRÉ — Como?!

ANTÓNIO DA COSTA — Sim, já me não convém esta casa de modo nenhum.

ANDRÉ — Mas porquê, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Por conter exactamente aquilo que eu mais procuro evitar.

ANDRÉ — O quê? As mulheres bonitas? (*Mudando de tom*): Pois V. S. dessa idade ainda tem medo delas?

ANTÓNIO DA COSTA (*formalizado*) — Não é por mim. Você é tolo, homem.

ANDRÉ — Então por quem, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Ora! Por quem há-de ser? É por meu filho que comigo trago.

ANDRÉ — Ah! Mas lá isso que tem? Deixe divertir o rapaz. É a idade própria. (*Piscando o olho*): Nós também por lá passámos, e sabe Deus, hem?

ANTÓNIO DA COSTA — Tenha juízo, tenha juízo, não me faz conta, está dito. *Não sabe o que diz*. Se por acaso meu filho se namora por aí de alguma rapariga, destrói todos os projectos que sobre ele tenho formado.

ANDRÉ — Isso é o que lhe parece, mas...

ANTÓNIO DA COSTA — Qual mas, nem meio mas. Eu que o digo é porque sei.

ANDRÉ — Talvez ele até desta maneira alcançasse maior fortuna do que... sim, às vezes... o Diabo arma-as.

ANTÓNIO DA COSTA — Há-de alcançar boas coisas! É o que me lembra. Você cuida que quarenta contos se encontram a cada canto.

ANDRÉ — Quarenta contos! Cáspite! Então o senhor seu filho?...

ANTÓNIO DA COSTA — O senhor meu filho está em vésperas de adquirir uma belíssima fortuna por um casamento, se com a sua cabeça estouvada não desarranjar o negócio.

ANDRÉ — Ora! Eu estou certo que ele não há-de fazer tal. É um rapaz de juízo.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois você conhece-o?!

ANDRÉ — Eu, não senhor, mas a avaliá-lo por o pai...

ANTÓNIO DA COSTA — Ah! sim, sim. Obrigado pelo cumprimento.

ANDRÉ — Então pelos modos esse casamento não é do agrado dele.

ANTÓNIO DA COSTA — Por ora não o posso dizer, porque ainda lhe não falei a tal respeito.

ANDRÉ — Pois nisso há-de-me perdoar, mas parece-me que não andou muito bem, porque se o senhor seu filho já o soubesse...

ANTÓNIO DA COSTA — Tive as minhas razões para assim proceder. Primeiro que tudo o rapaz não gosta muito do estado de casado, mas isso era o menos, essas repugnâncias são, em geral, fáceis de vencer; o pior é que a noiva de que se trata é já viúva e eu, que o tenho sondado, sei a antipatia que tem o rapaz aos casamentos deste género.

ANDRÉ — Ora, o dinheiro, senhor, o dinheiro hoje em dia faz tudo; havendo dinheiro fecha-se os olhos.

ANTÓNIO DA COSTA — Pessoas de juízo pensariam desse modo, mas um rapaz como ele, de uma imaginação esquentada, sem experiência alguma do mundo, não faz senão asneiras. Deixam ir muitas vezes a fortuna por a água abaixo quando lhes bastaria a mão para a agarrar.

ANDRÉ — Mas o senhor seu filho afinal de contas há-de mais tarde ou mais cedo vir a saber tudo e, por isso, melhor seria talvez haver-lho já dito.

ANTÓNIO DA COSTA — Foi essa a minha primeira tenção, mas tendo comunicado os meus receios ao irmão da noiva, ele me aconselhou que em nada falasse a meu filho antes de chegarmos a Lisboa, onde seríamos apresentados à rapariga. Assegurou-me que confiava muito no espírito e beleza de sua irmã para reccar resistência prolongada da parte do meu rapaz. Sendo assim bem estamos, porque uma vez que ele a ame de veras, pouco se lhe dá que ela seja viúva ou solteira, e o casamento efectua-se. Porém, já vê que, para todo este plano vingar, é necessário que o rapaz daqui até lá se conserve livre.

ANDRÉ — Ah! Compreendo agora todos os seus receios e cautelas. Mas não é isso razão para abandonar a minha casa. Verdade é que há cá presentemente algumas mulheres, mas não é coisa que meta medo a ninguém. (*Aparte*): Lá medo não metem elas. (*Alto*): Demais, nas outras estalagens encontrará o senhor os mesmos inconvenientes que nesta, se é que isto são inconvenientes.

ANTÓNIO DA COSTA — Isso, ou encontrarei ou não.

ANDRÉ — Agora não. Olhe que encontra. Temos aí à porta a Semana Santa, atulha-se, como V. Ex.» sabe, o Porto de gente; o não achar mulheres novas e bonitas nas estalagens seria tão raro como... como... eu sei... como não encontrar peixes no mar. Além disso V. Ex.» decerto não faz tenção de ter seu filho encerrado em casa, como uma freira. Ora então já vê que nada evita com tantas cautelas, pois que muitas ocasiões terá ele de as ver na rua, nas janelas, no teatro, nas lojas, etc, etc, e as mulheres tanto são para temer dentro de casa como fora dela. Ou V. Ex.» só as acha perigosas de portas para dentro?

ANTÓNIO DA COSTA (*meio convencido*) — Sempre são mais para reccar...

ANDRÉ — Há-de-me perdoar, mas nisso é que eu não concordo. Seu filho, a ter de se apaixonar, o que eu não creio, apaixonou-se tão depressa na rua como em casa. Até talvez ainda mais na rua, porque ao ar livre... sim... ao ar livre...

ANTÓNIO DA COSTA — É lá uma coisa que você sabe.

ANDRÉ — Olhe que é como digo. V. Ex.» não tem razão nenhuma para hospedar-se noutra parte. Isso é fazer pouco de minha casa e de seu filho. Eu respondo por ambos.

ANTÓNIO DA COSTA (*ainda resistindo, mas fracamente*) — Importa-me bem que você responda. Não me responde pelo dinheiro que nos pode fazer perder, não?

ANDRÉ (*seguro da vitória*) — Qual perder nem meio perder. Ora o senhor sempre tem coisas!

ANTÓNIO DA COSTA — Nada. É uma graça!

ANDRÉ — Sabe que mais? Esses receios até lhe ficam mal. Eu vou mandar preparar os quartos. Acredite que não é por interesse que mostro tanta vontade em que o senhor se aloje aqui. É porque simpático com V. S» e sei que em parte alguma será tão bem servido.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois sim, sim. Estou por isso. Adeus, adeus; não quero, não me faz conta. Adeus.

ANDRÉ — Quer, quer; porque não há-de querer? (*Indo à porta*): Pedro! Arruma os quartos 12 e 13! Ouviste?

ANTÓNIO DA COSTA — Que sarna você é! Safai

ANDRÉ — Pois isto é assim, pois não acha?

ANTÓNIO DA COSTA — Acho, acho. Seja lá o que for. (*A meia voz*). Também se meu filho fizer das suas, quem mais perde é ele.

ANDRÉ — É verdade. Tem razão; mas eu estou certo que ele não há-de...

ANTÓNIO DA COSTA — Vá! Vá! Então? Vá-me preparar esses quartos. Isto que horas são?

ANDRÉ — Hão-de ser cinco. Eu vou ver como os rapazes arrumam aquilo e mandar recolher lá as malas. Volto num minuto. (*Sai pela direita*).

CENA 2.-

ANTÓNIO DA COSTA (*passeando de um lado para o outro*) — Afinal de contas, este homem não deixa de ter razão. Apesar de todas as minhas cautelas, não obstaria a que meu filho se namorasse por ai de alguma rapariga. Tão possível era em casa como na rua. Demais eu andarei sempre com o olho em cima dele; não o deixarei sair muito fora dos eixos. Arrependido estou já em o ter mandado só a casa do nosso correspondente. Deus queira que não aconteça alguma. (*Parando e mudando de tom*): Ai! Se este casamento se chega a efectuar, considero-me completamente feliz. Então sempre espero alcançar o lugar que tanto ambiciono, o alvo de todos os meus desejos, o sonho de toda a minha vida. Sim, é então ocasião de obter com facilidade o lugar de inspector dos teatros! Sempre tive, desde a mais tenra infância, uma vocação decidida para este emprego. Já então tinha um dedo particular para escolher, rever, notar correcções em dramas, comédias, tragédias e até para escrever. Oh! Ainda queria ver representar aquele meu drama — O Gigante Golias. — Estou certo que havia de fazer um efeito! Caso venha a conseguir o que tanto ambiciono, não farei como a maior parte dos inspectores. Não hei-de deixar passar gato por lebre. Comigo estão mal, os autores de agora. Havia de pôr termo a muitos abusos que todos os dias se estão vendo no teatro. Por exemplo, não permitiria que por este tempo da Quaresma se representasse toda a casta de dramas; apenas deixaria ir

à cena algumas oratórias, tais como: Santo Hermenegildo, São Teotónio, Sant'Iago aos Mouros e outras que no meu tempo eu vi representar aqui e em Lisboa. Mas agora, não senhores; parece que é de propósito que escolhem os mais imorais para esta ocasião. É a pior pouca-vergonha que eu tenho visto. (*Pausa, durante a qual passeia e parece reflectir profundamente*). Parece-me que estou predestinado para regenerar o teatro. A imoralidade tem-se apoderado da cena. Precisa de um homem enérgico, activo, que a expulse. Não sei o que me diz que esse homem hei-de ser eu. (*Sentando-se descansadamente*). Depois tenho certa a imortalidade do meu nome.

CENA 3.<sup>a</sup>

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*entrando pela porta da direita*)

ANDRÉ — Meu patrão! Os quartos estão prontos. Logo que V. S.<sup>a</sup> queira...

ANTÓNIO DA COSTA — Lá vou já. Ora diga-me, sr.... sr.... Como é que se chama?

ANDRÉ — André, um criado de V. S.

ANTÓNIO DA COSTA — Diga-me, Sr. André. Que tem por cá que se leia?

ANDRÉ — Tenho o «Direito», o «Porto Comercial», o «Brás Tisana»...

ANTÓNIO DA COSTA — Ai! não, não, não, por amor de Deus não me fale em jornais políticos. Basta-me a «Tesoura de Guimarães» de que sou assinante.

ANDRÉ — Então que quer V. S.<sup>a</sup>?

ANTÓNIO DA COSTA — Outra coisa. Seja o que for menos isso. Olhe, dramas, sobretudo dramas, tem?

ANDRÉ — Dramas?... dramas?... (*Pensando*): Ah! já sei o que é. São comédias? — Estas coisas que se dizem no teatro, não são?

ANTÓNIO DA COSTA — Isso mesmo. Tem por cá alguns?

ANDRÉ — Eu? Nada, não senhor, lá disso não tenho, nada, lá disso não, lá disso... Ai, mas agora me lembro! Se V. S.<sup>a</sup> quer, eu vou aqui ao quarto número 9 pedir à Sr.<sup>a</sup> D. Emília que provavelmente há-de ter algum. Tem tanto livro...

ANTÓNIO DA COSTA — Quem é essa Sr.<sup>a</sup> D. Emília?

ANDRÉ — A cómica de Lisboa que está cá no Porto — que tem representado aí no teatro de São João.

ANTÓNIO DA COSTA — Ah! sini, sim, recordo-me de me falarem nela. Talvez, talvez, é provável que possua bastantes dramas; como é cómica. Pois vá, vá—diga-lhe que está cá um sujeito de Guimarães que tem muito gosto pela literatura dramática e que desejava passar algum tempo agradavelmente lendo alguma coisa neste género. — Sabe dizer?

ANDRÉ — Sei, sim, senhor. Eu cá me arranjo. (*Sai por a esquerda*).  
 ANTÓNIO DA COSTA — Ora olhe lá...

## CENA 4.\*

ANTÓNIO DA COSTA — Veremos o que me manda a Sr.» D. Emília. (*Pausa*). É justamente a primeira mulher de que me devo acautelar; por isso mesmo que é cómica. Está costumada a representar diversos papéis, com facilidade se fingiria apaixonada por meu filho e mais facilmente ainda se faria amar dele. Um rapaz de vinte anos, sem experiência do mundo! Estas cómicas têm às vezes manias, mas eu não durmo, agora durmo! Não sou homem a quem se engane com essa pressa, já sinto às minhas costas 49 Janeiros e algum proveito tenho tirado disso.

## CENA 5.-

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*com um livro na mão*)

ANDRÉ — A Sr.» D. Emília manda dizer a V. S.» que de todos os seus livros aquele que mais lhe deve interessar é este que lhe envia. Pelos modos é a comédia que hoje à noite se representa.

ANTÓNIO DA COSTA — Bom, é isso mesmo o que eu desejo. (*Pegando no livro*): Ora vamos a ver o título da obra. (*Lendo*): «O Casamento da Condessa de Amieira» — Mau! O nome já me não agrada. O casamento! Ora aqui está, é o que eu digo. Isto representa-se hoje?! — Que diabo farão os inspectores? — Se fosse eu... era coisa que não consentia. Casamento na Quaresma! (*Continua a ler*): «Drama original em 3 actos, por D. Carolina Pinto de Figueiredo Monteiro». E é de uma mulher! — Bem digo eu, o belo sexo ainda está pior que o feio. — A culpa temo-la nós, damos-lhe tanta importância... Ora vamos lá a ler isto. Há-de corresponder ao título. — Vamos lá. (*Para André*): Quais são os números dos nossos quartos?

ANDRÉ — Números 12 e 13, 2.º andar.

ANTÓNIO DA COSTA — Está bem. Meu filho não pode tardar por aí. Foi a casa do nosso correspondente e provavelmente pouco se demora. Logo que ele chegue mande-mo para cima. Entendeu?

ANDRÉ — Sim, senhor. Vá descansado, logo que o vir... mas ele como se chama?

ANTÓNIO DA COSTA — Júlio da Costa. (*Sai por a direita*).

ANDRÉ — Bem, bem, eu lho direi.

## CENA 6.-

ANDRÉ — Ora eu sempre sou muito tolo! — Bem se diz, bem se diz, que até à morte se aprende. Ia agora sem graça nenhuma perdendo uma boa ocasião de embolsar alguns pintos e então porquê?



Por cair na patetice de responder sem ter percebido o fim para que a pergunta foi feita. Se este Sr. Costa fosse como muitos que eu conheço, amigo de levar a sua por diante, ficariam ainda desta vez desocupados os meus números 12 e 13, que são os que mais rendem, e a culpa era toda minha. Isto foi bom para daqui por diante ter mais cautela. (*Barulho dentro*). Que barulho será este?

CENA 7. •

ANDRÉ e JÚLIO DA COSTA (*entrando pela porta do fundo*)

JÚLIO (*vendo André*) — Olé! Passou bem? Diga-me, o senhor é que é o patrão cá da casa?

ANDRÉ (*cortejando-o*) — Para o servir.

JÚLIO — Pois saiba que estou com fome e estropiado.

ANDRÉ — E por conseguinte quer descansar e comer.

JÚLIO — Exactamente. O senhor sabe tirar bem as consequências. (*Senta-se nas cadeiras do lado direito*).

• ANDRÉ — Eu julgo que tenho a honra de conhecer V. S.<sup>a</sup>.

JÚLIO — Deveras? — Pois olhe, eu não julgava que era tão conhecido. Com que então a fama encarregou-se de divulgar o meu nome na cidade invicta?

ANDRÉ — Nada, não foi a fama, foi o senhor seu pai.

JÚLIO — O pai da fama? — Quem é esse ratão? Olhe, eu lá em mitologia não sou muito forte.

ANDRÉ — Nada, nada. O pai do senhor, o pai de V. S.\

JÚLIO — Ai, meu pai? — Hum... visto isso chegou primeiro do que eu?

ANDRÉ — Ocupa o quarto número 12. Disse-me que, logo que o senhor chegasse, o mandasse subir porque eu julgo estar falando ao Sr. Júlio da Costa.

JÚLIO — Justo. Júlio António Vieira da Costa. Então meu pai disse-lhe que me mandasse subir? Pois olhe, meu amigo, isso é que eu não estou resolvido a fazer. Farto de o aturar ando eu. Durante todo o tempo que passámos nas *diligências*, não me deixou falar um minuto. Tem uma verbosidade inaudita o tal senhor meu pai! E que assuntos tão interessantes ele escolhe para dissertar! Falou-me no seu *reumatismo*, em *colheitas*, em *acções de bancos*, em *estradas*, etc, mas sobretudo o que mais matéria lhe deu para se desenvolver foram «os deveres de um inspector de teatros»; é uma mania muito antiga nele, o que mais deseja nesta vida é ser inspector. São desejos inocentes.

ANDRÉ — Visto isso, V. S.» não sobe?

JÚLIO — Eu? — Não tenho pressa. Traga-me as folhas, gosto de saber novidades. — Psiu! Olhe cá. Que tais são as minhas vizinhas de quarto?

ANDRÉ (*aparte*) — A este posso responder sem hesitar. O sentido da pergunta não é duvidoso. (*Alto*): Sofríveis, sofríveis, tem boa companhia.

JÚLIO — Ainda bem; porque eu venho disposto a fazer por aqui algumas conquistas.

ANDRÉ (*aparte*) — Ah! que se o pai o ouvia!—(*Ouve-se tocar uma campainha*). Há-de-me dar licença de ir ver o que quer aquele hóspede. Não deseja nada?

JÚLIO — Não, uma vez que meu pai já veio, tomarei logo chá com ele.

ANDRÉ — Querendo ir para junto dele, não tem mais do que procurar no 2.º andar o quarto número 12 ou 13.

JÚLIO — Bem, eu quando quiser lá vou. (*André sai por o fundo*).

CENA 8.-

JÚLIO DA COSTA — Ora eis-me no Porto. Graças a Deus que saí da antiga vila e nova cidade de Guimarães. Eu tenho-lhe alguma afeição, lá amor pátrio não me falta, mas a falar a verdade, eu não nasci para ser vimaranense. Conheço que posso aspirar a mais alguma coisa do que a um simples cidadão do berço da monarquia portuguesa. Era-me impossível satisfazer os meus desejos em tão acanhado local. Sempre as mesmas pessoas, sempre a mesma vida, que insuportável monotonia! Eu nasci para viver numa capital ou pelo menos numa cidade mais populosa, mais cheia de actividade e distrações do que a pátria do nosso primeiro rei. Ha muito que ambicionava esta viagem, mas tinha quase perdida a esperança de a realizar, pois via meu pai mais aferrado á nossa casa do Terreiro de São Francisco do que o caracol à casca; porém, há seis meses para cá, notei nele uma repentina metamorfose: começou a andar agitado, ele o homem mais pachorrento que eu conhecia; a buscar a solidão, a falar só, a ter uma activa correspondência, até que um dia acaba por me dizer: «0 Júlio, estou aborrecido da vida que passo aqui, careço de distrações, medito uma viagem, queres acompanhar-me?» — «Pronto, lhe respondi eu, isso já o pai devia há mais tempo ter feito». No dia seguinte estávamos em Braga; ao princípio receei que se limitasse a esse ponto a nossa viagem e já principiava a ter saudade da minha terra natal porque a troca não era vantajosa. Passados, porém, dois dias, achávamo-nos sentados um ao lado do outro no *cupé da diligência*, e hoje vejo-me no Porto. Mas agora queria eu saber o fim de toda esta viagem. Meu pai por mais que me diga, não me mete na cabeça que foi para se distrair que ele a empreendeu. Eu conheço-lhe o génio. Sempre que precisava de distrações ia até casa dos vizinhos, agarrava-se ao gamão ou ao dominó e passava tardes inteiras a jogar, já se sabe, a feijões; nunca foi muito amigo de gastar dinheiro em divertimentos. E agora cuida

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

